

## Encontro Mundial

Democracia participativa : para que desenvolvimento ?

Ponto de vista sobre o encontro *por P. Calame*

**Região Rhône-Alpes cidadã**

**França, dezembro de 2008.**

## **AVISO**

**O presente documento é uma leitura transversal dos trabalhos do Encontro.**

**A condução dos debates e a restituição de seu conteúdo e trabalhos deviam ser coerentes com o seu objeto. Tanto mais que, como salientaram várias oficinas, a legitimidade da democracia participativa decorre tanto do rigor dos métodos postos em prática quanto das intenções que a inspiram.**

Recorremos, pois, sistematicamente, muitas vezes para a animação do trabalho e sempre para a restituição das palestras e debates, a um método de cartografia dos conceitos que permitiu captar as idéias essenciais, distinguindo :

1. constatações e implicações ;
2. dificuldades e problemas ;
3. recomendações ;
4. experiências.

Esse trabalho de coleta foi realizado por Economia e Humanismo com a participação de um grupo de estudantes. Ele permitiu a produção de um mapa por suboficinas, validada tanto quanto possível pelos participantes.

Mais de 800 idéias e prepostas oriundas das oficinas da 2ª feira constituem, junto com a produção de 3ª feira nos fóruns, o material do Encontro.

A exploração desse rico material desenvolveu-se em duas etapas (conforme esquema anexo) :

1. A compilação das constatações, problemas, recomendações, etc., de todos os subgrupos de uma mesma oficina no intuito de chegar às reformulações sintéticas oficina por oficina, mantendo a distinção entre as implicações, problemas e recomendações (as experiências foram agrupadas com as recomendações). 80 agrupamentos foram efetuados nessa etapa, ou seja, uma razão de 1 para 10. Esses agrupamentos constituem o material dos mapas a seguir.

Nota : o número do agrupamento indica sua origem : s1\_ corresponde à oficina de Grenoble, s2\_ à de Valence, s3\_ à de Saint-Etienne e s4\_ à de Lyon

2. O estabelecimento, através de um esforço de agrupamento dessa vez transversal às quatro oficinas, de um pequeno número de eixos estratégicos que refletem os ensinamentos do Encontro.

O processo de elaboração da leitura transversal tornou-se, então, totalmente transparente. O conjunto dos mapas estará disponível no site do encontro ([www.decocratie2007.rhonealpes.fr](http://www.decocratie2007.rhonealpes.fr)). Qualquer um terá, então, se o desejar, a possibilidade de reconstituir o trajeto que vai de um enunciado particular de uma suboficinas até o eixo estratégico ou, no sentido inverso, ver de que maneira, passando de um membro a outro, um eixo estratégico emergiu desses sucessivos agrupamentos.

Este sintético documento traz apenas o resultado desse método de trabalho : os eixos estratégicos comentados juntamente com os mapas dos agrupamentos pertencentes a esses eixos.

Devido ao prazo reservado à produção desse documento, apenas os trabalhos das oficinas da segunda – feira 10 de dezembro puderam ser plenamente analisados. O resultado dos trabalhos dos fóruns e das oficinas temáticas estará também disponível no site do Encontro.

### ***Produção das suboficinas***

2\_1\_5: São Tomé e Príncipe : « leitura pública » das ofertas de empresas.

2\_1\_2 : Brasil : Experiência da elaboração de orçamentos participativos.

2\_2\_1\_5 : O Banco do Sul tem a intenção de criar um financiamento mais equânime.

2\_2\_2\_13 : Moeda solidária e projetos na região francesa Rhône-Alpes (SOL).

4\_4\_45 : criar uma inteligência coletiva através, por exemplo, das mídias eletrônicas.

4\_4\_57 : promover as mídias eletrônicas como alternativa à Hegemonia midiática dos poderes públicos.

4\_4\_77 : A comunicação pela Internet evita muitas reuniões inúteis.

3\_5\_34 : Estabelecimento de uma plataforma de interação virtual para troca de experiências.

3\_5\_36 : O OP deveria atingir, além do investimento, o custeio e as receitas.

3\_3\_33 : Avaliação do processo.

3\_5\_11 : A criação de um observatório da participação em Porto Alegre é um grande resultado da cooperação internacional.

3\_2\_19 : Avaliação dos processos participativos.

### ***Agrupamento por oficinas***

S2\_p\_4 : Há inovações em diferentes níveis que é necessário avaliar, capitalizar, divulgar.

S3\_p\_1 : Mutualizar e avaliar as experiências ; extrair progressivamente os princípios gerais.

S4\_p\_7 : Apoiar-se nas novas mídias para promover a democracia participativa.

### ***Eixo estratégico***

A\_p\_1 : Mutualizar as experiências em escala internacional e utilizar a Internet para dar seguimento ao debate e promover resultados.

## **Esquema do processo**

## Constatações e implicações

A democracia participativa é às vezes evocada por aquilo que representa em si, como se se tratasse de uma corrente de pensamento autônoma, como se tivesse um valor intrínseco. Esse é especialmente o caso no que tange a certos métodos de democracia participativa tais como o « Orçamento Participativo », inspirado inicialmente na cidade brasileira de Porto Alegre, e alçado, por vezes abusivamente, pelas instituições internacionais, à condição de receita infalível de boa governança e de mobilização da população.

O Encontro Mundial conduz à conclusão inversa. Ele situa o movimento da democracia participativa numa reflexão crítica em relação aos modos atuais de desenvolvimento e de governança, e define as condições que dão um real sentido a essa democracia participativa, sublinhando a amplitude das transformações necessárias para que a democracia participativa se torne integralmente uma modalidade da governança. Ele mostra que não basta apelar à democracia participativa, é necessário construí-la com rigor e determinação.

**1. A crise dos modelos de desenvolvimento e dos modelos de governança clama por novas respostas : a democracia participativa faz parte dessa busca que ainda demorará a dar frutos.**

O ponto comum entre todas essas oficinas é a idéia de que a democracia participativa inscreve-se numa reação geral em relação aos modelos atuais de desenvolvimento e de governança. Essa é a razão pela qual os participantes estabelecem um paralelo entre democracia participativa, no campo político, e a busca de uma economia plural, responsável e solidária no campo econômico. Ter-se consciência de uma crise é algo favorável à inovação - e as crises chovem de todos os lados e nutrem-se mutuamente, transferem-se do campo político para o campo social ou econômico e vice-versa.

Mas, reagir a uma crise, não significa que, somente por isso, estejamos aptos a elaborar uma alternativa global satisfatória. Força é reconhecer que, até o momento, tanto a democracia participativa quanto a economia solidária constituem somente pistas interessantes como, em escala mundial, a consciência da incapacidade dos Estados de regular dinâmicas econômicas e científicas de âmbito planetário ou que se assemelhem ao esboço de uma reflexão sobre os bens públicos mundiais. Por enquanto a palavra é « pista », não solução.

**2. A democracia participativa assume todo seu sentido quando conecta, sobre bases novas, o local ao mundial e devolve aos cidadãos o controle e o engajamento com os grandes desafios de nosso tempo.**

Uma democracia participativa reduzida ao âmbito local e a questões de urbanização e gestão de serviços públicos, por mais respeitável que seja, não tem sentido. Ela deve inscrever-se em uma perspectiva mais ampla, aquela que devolve à cidadania e à democracia seu sentido profundo: a capacidade de cada um, conectado aos outros, de recobrar o controle sobre seu destino. Eis porquê, os processos de democracia participativa que permitem interligar as diferentes escalas do local ao global, abordar os grandes desafios de nosso tempo como a construção de uma sociedade sustentável, a orientação das ciências e das tecnologias ou a governança, ou seja, o próprio modo de gestão da sociedade, são tão importantes.

É esse duplo movimento de reforço bem local da capacidade de todos os setores da população de engajar-se numa lógica de cooperação, solidariedade e engajamento, inclusive em nível mundial, no que diz respeito aos grandes desafios do nosso tempo, que dão todo seu valor ao esforço de renovação empreendido.

**3. A democracia participativa inscreve-se num processo de conjunto que leva a redistribuir os poderes, a colocar em questão as instituições, a construir uma cultura de cooperação e de responsabilidade e a considerar a gestão dos bens comuns como o resultado dessa cooperação.**

Estabelece-se muitas vezes um paralelo entre descentralização e processo participativo, como as duas faces de uma moeda. O mesmo acontece em relação a uma economia plural e solidária. Nós estávamos acostumados a monopólios do saber e do exercício da autoridade política e econômica. Estávamos habituados a ver a gestão dos bens públicos ser exercida pelas instituições públicas e a gestão do bem privado, pelas empresas. Estávamos habituados à competição. Estávamos habituados à reivindicação dos direitos. Estávamos habituados a ver a relação entre o local e o global como bonequinhas russas se encaixando. E cada um desses pressupostos está sendo abalado. O elo entre o local e o mundial pode ser promovido através de redes. O bem público é o fruto da co-produção e da cooperação entre atores. O direito deve ser regulado pela responsabilidade. A fronteira entre bem privado e bem público é, às vezes, bastante tênue.

É abordando todas essas questões que damos à democracia participativa todo seu sentido e seu lugar histórico.

#### **4. A democracia participativa supõe um grande rigor e demanda uma aprendizagem internacional**

A legitimidade da democracia participativa repousa sobre a qualidade e o rigor dos métodos de que ela lança mão. Não existe qualquer fórmula mágica. Somente um esforço permanente de confrontação dos métodos, cada um analisado em seu contexto peculiar, permite construir progressivamente o aprendizado necessário. Da mesma forma, trata-se de um equilíbrio sutil entre iniciativa cidadã e poderes públicos. Corremos o risco de sufocá-lo ao tentar estimulá-lo, particularmente se tentarmos apressadamente formalizar o que, ao contrário, demanda um esforço constante de invenção.

## Constatações e Implicações

A\_e\_2 : A democracia participativa assume todo seu sentido quando conecta, sobre bases novas, o local ao mundial e devolve aos cidadãos o controle e o engajamento com os grandes desafios de nosso tempo.

s4\_e\_4 : A democracia participativa só tem sentido quando conecta as diferentes escalas do local ao global.

s4\_e\_8 : A democracia participativa para ter sentido deve incidir sobre os grandes desafios de nosso tempo : a sociedade sustentável, as ciências e técnicas, a governança.

s1\_e\_3 : o funcionamento das organizações internacionais atuais não permite preservar as PBM ; é preciso repensar a governança para torná-las mais justas e mais eficazes.

s3\_e\_4 : Há uma relação entre uma abordagem participativa da gestão pública e o reconhecimento de uma economia plural e solidária.

s1\_e\_2 : Quem deve gerir as PBM ? Qual deve ser a repartição dos papéis entre população, empresas, estado e organizações supranacionais (UNESCO) ? como articulá-las com os bens privados ?

*A\_E\_3 : A democracia participativa inscreve-se num processo de conjunto que leva a redistribuir os poderes, a colocar em questão as instituições, a construir uma cultura de cooperação e de responsabilidade e a considerar a gestão dos bens comuns como o resultado dessa cooperação.*

s1\_e\_4 : A gestão das PBM requer que se associem as populações, mulheres, jovens ; que se articulem as diferentes escalas, que se faça prevalecer a lógica da cooperação e da solidariedade ; a cooperação não deve matar a dinâmica local.

s4\_e\_6 : A mutação cultural deve privilegiar os jovens e suas redes.

s2\_e\_5 : A descentralização e os processos participativos são favoráveis a um desenvolvimento autêntico.

s4\_e\_1 : A DEMOCRACIA PARTICIPATIVA faz parte de um movimento mais amplo de transformação cultural que conecta o local ao mundial e baseia-se na responsabilidade, na cooperação e na co-produção do bem público.

s3\_e\_3 : O desafio é construir uma cultura de cooperação, de participação e de reconhecimento mútuo enraizado na sociedade.

s4\_e\_5 : A democracia participativa e a descentralização inscrevem-se numa visão nova da redistribuição dos poderes e da relação entre local e global (rede, inteligência coletiva).

s4\_e\_9 : A democracia participativa traz em si uma transformação profunda das instituições públicas e científicas.

s1\_e\_8 : A democracia participativa encontra sua fonte no ceticismo em relação ao político.

s1\_e\_1 : O princípio das PBM é claro. Mas quais são os bens que dela fazem parte ? Saúde ? Educação ? Qual a relação entre esses bens e os direitos humanos ?

s1\_e\_7 : A democracia participativa e a ação local solidária reintroduzem a população na política.

s2\_e\_4 : O desenvolvimento baseia-se na mobilização combinada dos recursos, cognitivos humanos, físicos e financeiros - internos e externos (veja-se a dificuldade de uma mobilização inteligente dos recursos petrolíferos).

s3\_e\_1 : A divulgação internacional dos métodos de orçamento participativo justifica a colocação em rede das experiências e de sua avaliação.

s1\_e\_9 : A formalização da democracia participativa pode quebrar a dinâmica tornando-se nociva a seu desenvolvimento.

s1\_e\_6 : A democracia participativa são os corpos intermediários (sindicatos)

*A\_e\_1 : A crise dos modelos de desenvolvimento e dos modelos de governança clama por respostas novas ; a democracia participativa faz parte dessa busca que ainda demorará a dar frutos.*

s2\_e\_2 : O quadro clássico da soberania nacional não permite regular dinâmicas econômicas e científicas.

s4\_e\_3 : A democracia participativa assume melhor do que a democracia clássica o elo entre diversidade e unidade, entre interesses individuais e interesses coletivos ?

s2\_e\_3 : As soluções alternativas inventadas até agora são marginais.

s3\_e\_2 : As crises devem ser utilizadas para fazer surgir inovações políticas, sociais e econômicas.

s4\_e\_10 : A legitimidade da democracia participativa repousa na qualidade e no rigor dos métodos por ela utilizados.

s1\_e\_10 : Como comunicar sem simplificar de forma ultrajante ?

*A\_e\_4 : A democracia participativa supõe um grande rigor e demanda uma aprendizagem internacional.*

## **Dificuldades e problemas**

O que chama a atenção nesse Encontro Mundial, sinal de maturidade do movimento internacional em favor da democracia participativa, é que todos os participantes já vivenciaram alguma forma de processo participativo, e todos conhecem, pois, os limites e obstáculos a serem enfrentados. As dificuldades encontradas são proporcionais às inovações e mudanças que a introdução de um processo participativo traz à governança.

### **1. A concepção de democracia participativa remete à questão mais ampla da legitimidade**

Tradicionalmente, em nossos países democráticos, associa-se automaticamente a idéia de legitimidade do exercício do poder e a idéia de legalidade : como responsáveis políticos eleitos poderiam não exercer legitimamente o poder diante de seus eleitores ?

Ora, salientam os participantes, é na democracia que falta confiança. Legalidade e legitimidade divorciaram-se. O caso da dívida externa é ilustrativo para pensar-se essa questão. Ao longo dos anos, passamos da reivindicação de anulação da dívida dos países pobres, que teria como corolário o fato de que esses países jamais teriam acesso novamente ao crédito internacional, à idéia de que os povos não tinham de reembolsar uma dívida « ilegítima ». Essa ilegitimidade não está somente associada às ditaduras. As democracias também podem ter desviado o dinheiro da dívida das necessidades de seus cidadãos. A abertura do debate sobre a legitimidade do exercício do poder é capital para o futuro da democracia participativa acusada freqüentemente, por seu turno, pelos poderes políticos legitimados pelas urnas de não ter legitimidade. A democracia participativa introduz uma nova ordem de legitimidade, ordem essa que decorre do próprio processo que a instaura.

**2. É fácil desnaturar a democracia participativa e fazer dela um slogan sem conteúdo, responsável por futuras decepções, sem influência real sobre os desafios do mundo**

Seria perigoso idealizar a democracia participativa, fazer dela a demonstração de uma espécie de democracia autêntica, em oposição a uma democracia representativa cujo modelo tivesse sido imposto de fora. Da mesma forma, é perigoso ceder a uma espécie de « basismo » que faça do cidadão fora dos corpos intermediários e das instâncias eleitas, o detentor da verdade e do bem.

A democracia participativa corre o risco de ser imposta, especialmente nos países do sul, como uma receita colada sobre a sociedade, limitada àqueles que, por seus próprios meios de expressão ou seu tempo disponível, são os únicos a tomar parte no processo participativo. Ou seja, a democracia participativa pode ser tão ou mais excludente (para as mulheres ou os pobres, como argumentado na oficina temática das mulheres) do que a democracia clássica.

É também tentador para os partidos políticos e poderes tradicionais, surfar sobre a onda da moda e assim apropriarem-se ou instrumentalizarem os processos participativos. Finalmente, circunscrita ao âmbito local, ela se torna um pátio de recreação onde os pequenos se divertem enquanto os grandes trabalham em Washington, Bruxelas ou Paris.

**3. A transformação da cultura e das instituições exigida pela democracia participativa será difícil e implicará uma estratégia de longo prazo difícil de se conseguir**

Várias questões estão aqui levantadas. A primeira, especialmente preocupante, está relacionada com o tempo necessário à condução de uma mudança cultural profunda das práticas cidadãs e ao funcionamento administrativo e político nos diferentes níveis. Enquanto isso, os desafios mundiais explodem.

Muitas vezes, os avanços da democracia participativa chocam-se com a resistência dos aparelhos institucionais, fechados e, ao mesmo tempo, assentados em sua autoridade. Mesmo se democracia participativa e economia solidária estão na moda, é impossível esquecermos que o modelo atual de desenvolvimento e de exercício do poder permanece firme e é muito difícil encontrarem-se em escala internacional instituições dispostas a agir a longo prazo.

**4. Sem a inscrição da democracia participativa num novo pensamento sobre a articulação das escalas de governança e um novo equilíbrio de direitos e responsabilidades, ela não estará à altura dos desafios.**

Como tivemos até agora a oportunidade de ver, esse é um tema que retorna incessantemente. Nós o encontramos também no campo da economia : como ir do local para o global numa economia social e solidária ? Como pensar uma estratégia de desenvolvimento em escala única ? Não basta colocarmos a etiqueta « participativo » num processo para resolver magicamente a articulação entre interesses divergentes em um território ou articulação de diferentes níveis de governança.

**5. A democracia participativa supõe um alto nível de informação dos cidadãos**

Nossas sociedades são complexas. A própria gestão pública é complexa, como de resto os desafios científicos e técnicos, por exemplo. A democracia participativa, como bem mostram os painéis de cidadãos, é tudo menos o « Café do Comércio » ou « Rádio Calçada ». Ela demanda da parte dos cidadãos um esforço de compreensão, e da parte das instituições e especialistas, um esforço de transparência.

Os cidadãos detêm um saber por sua vivência quotidiana e pelo número de conhecimentos indispensáveis à inteligibilidade do mundo, entretanto, não podem dispensar os conhecimentos dos especialistas e instituições. Essa co-construção do conhecimento está no centro das dinâmicas participativas. Mas ela é rara, assim como também o são as fontes de informação que permitem verdadeiramente aos cidadãos informar-se e refletir. A superabundância da informação, simbolizada pela Internet, torna os mecanismos de seleção e de estruturação da informação ainda mais indispensáveis.

## ***Dificuldades e problemas***

*A\_o\_2 : É fácil desnaturar a democracia participativa e fazer dela um slogan sem conteúdo, responsável por futuras desilusões, sem influência real sobre os desafios do mundo*

s1\_o\_3 : A precariedade é nociva à valorização e ao engajamento a longo prazo. A economia mundial deve permitir o desenvolvimento endógeno, especialmente de empresas e modelos econômicos locais.

s4\_o\_1 : A cultura atual do individualismo e do exercício do poder é altamente resistente e a relação entre democracia participativa, corpos intermediários e democracia representativa demanda ainda mais reflexão.

s4\_o\_3 : A organização e os ritmos das instituições os tornam pouco abertos às propostas que colocam em questão seu funcionamento e sua legitimidade.

s1\_o\_2 : A humanidade enfrenta problemas climáticos, pandemias : essas mudanças são mais rápidas do que as mudanças sociais. Estas últimas, entretanto, são necessárias para enfrentar as primeiras.

s3\_o\_1 : Um orçamento participativo de longo prazo na cultura administrativa e política, e na própria sociedade, é ainda bem frágil.

s1\_o\_9 : A democracia participativa deve enfrentar o desafio da mobilização e expressão de opiniões mesmo pouco estruturadas.

*A\_o\_3 : A transformação da cultura e das instituições exigida pela democracia participativa será difícil e implicará uma estratégia de longo prazo difícil de se conseguir*

s4\_o\_6 : O poder político pode instrumentalizar a democracia participativa.

s1\_o\_10 : A democracia participativa pode provocar frustração, especialmente no final, quando são as decisões econômicas dos acionistas que mudam efetivamente o mundo.

s1\_o\_5 : A lógica das patentes é nociva à educação e à cultura que são PBM.

s1\_o\_1 : Fraqueza das instituições internacionais, dificuldade de agir a longo prazo.

s2\_o\_4 : O modelo atual de desenvolvimento é ainda dominante.

s1\_o\_4 : Atualmente, não se sabe nem onde nem como determinar as PBM.

s4\_o\_5 : Se a democracia participativa não transformar realidades e se fechar no nível local, a decepção é certa.

s4\_o\_2 : A democracia participativa também pode ser colada como um corpo estranho sobre a sociedade e também ser excludente ; seria perigoso idealizá-la.

s3\_o\_2 : Os processos participativos podem facilmente sofrer apropriação.

s2\_o\_3 : Sem articulação das ações do nível local para o global, a eficácia das estratégias de desenvolvimento é limitada.

s3\_o\_4 : A articulação entre regulações econômicas mundiais e iniciativas de economia social e solidária ainda está por ser criada.

s1\_o\_7 : A inculpação dos cidadãos do norte não contribui com o debate. Cuidado com o discurso ideológico entre próximos e o politicamente correto solidário.

s3\_o\_3 : A abordagem feita pelo orçamento participativo não toca na questão da articulação entre os interesses e os diferentes níveis de governança.

*A\_o\_4 : Sem a inscrição da democracia participativa num novo pensamento sobre a articulação das escalas de governança e um novo equilíbrio de direitos e responsabilidades, ela não estará à altura dos desafios.*

s1\_o\_8 : A economia criminosa oferece um contra-modelo aterrador.

*A\_o\_1 : A concepção de democracia participativa remete à questão mais ampla da legitimidade*

s1\_o\_6 : Falta confiança na democracia.

s2\_o\_1 : A questão da legitimidade das decisões públicas é central e não é garantida nem mesmo pela democracia (ex : a dívida).

s2\_o\_2 : a capacidade de acesso à informação e controle da ação pública dos cidadãos é limitada.

s4\_o\_4 : Para ser cidadão responsável, é preciso ser cidadão informado.

*A\_o\_5 : A democracia participativa supõe um alto nível de informação dos cidadãos*

## **Recomendações**

Porque os participantes estão plenamente conscientes da importância das implicações da democracia participativa no que tange à transformação de nossas sociedades e, portanto, estão perfeitamente lúcidos quanto aos limites das experiências atuais, eles lançaram, através de uma multidão de propostas detalhadas, cinco eixos de ação.

### **1. Mutualizar as experiências em escala internacional e utilizar a Internet para conduzir e promover resultados**

A necessidade de mutualizar e capitalizar as experiências é uma unanimidade.

Esta necessidade impõe-se, para começar, na própria região Rhônes-Alpes. Todos os fóruns realizados na terça-feira, trataram de experiências adotadas nessa região que clama por democracia participativa. Sua própria diversidade impede qualquer generalização. É necessário olhar de dentro qualquer processo no seio do qual a experiência acumulada vem a nutrir operações futuras. Para isso, uma avaliação por cruzamento de dados e uma capitalização coletiva são necessárias. É lógico que a região sustente essa avaliação e essa capitalização para assentar suas políticas futuras em matéria de democracia participativa.

Em escala internacional, se ainda não é possível pensar em promover receitas de democracia participativa, não é menos necessário separar uma experiência já muito rica, posto que conduzida em diferentes contextos culturais e econômicos e em diferentes níveis, dos princípios gerais suscetíveis de guiar a ação futura. Esses princípios devem ser amplamente divulgados.

Várias oficinas salientaram que as mídias dominantes tinham uma ligação próxima demais com os poderes econômicos e políticos atuais, que eram também excessivamente conformistas, possivelmente apegadas demais a seu próprio poder, para compreender e, mais ainda, promover ativamente inovações transformadoras. Mas o desenvolvimento da democracia participativa, e não se trata de um acaso, é concomitante com a generalização da Internet, que se tornou um espaço virtual de troca internacional poderoso, um vetor barato de divulgação de experiências, e que, além de tudo, por sua organização em redes interligadas, tem tudo a ver com o modo de relação entre o local e o global, podendo ser aproveitado tanto pela democracia participativa quanto pela economia solidária. Donde a idéia de uma estratégia geral de utilização dessas novas mídias para compartilhar a experiência e promover novas formas de democracia.

## **2. Construir a mudança cultural rumo a uma sociedade de cidadãos, privilegiando a ação direcionada aos jovens**

Uma vez que a democracia participativa traz em si o germe da mudança cultural e supõe poder realizá-la, a questão das condições nas quais pode se produzir essa mudança é, evidentemente, crucial. A introdução dos métodos participativos seria suficiente? Isto seria, segundo muitos participantes, dar o problema por resolvido: para engajar-se num tal processo, deve-se ter consciência de sua responsabilidade, estabelecer a relação entre seu processo pessoal e os desafios globais, ser capaz de engajar-se em um processo de projeto, gozar de uma autonomia de pensamento que permita triar as informações e forjar opiniões próprias, ter uma inclinação natural para ultrapassar os interesses de sua categoria para construir o interesse coletivo. E é exatamente porque diante de uma sociedade individualista e consumidora os processos participativos revelam seus limites, que muitos insistem na necessidade de apostar na escola e na família.

Nesse campo, a construção pelos jovens de uma consciência comum de sua responsabilidade face ao planeta é particularmente promissora: as instituições escolares devem empreender uma transformação profunda das práticas pedagógicas e das atitudes transmitidas.

## **3. Promover as práticas de avaliação conjuntas de ação pública e da democracia participativa**

Implicar-se em um processo participativo leva tempo, muito tempo. Introduzir-se na vida democrática e pretender generalizar métodos novos, é algo cujo alcance deve, necessariamente, ser avaliado. Não deveria, pois, existir processo participativo sem o devido acompanhamento de seu impacto, nem sem avaliação.

## **4. Mobilizar apoios institucionais em prol do desenvolvimento da democracia participativa.**

Não é porque os processos participativos apelam amplamente ao trabalho voluntário dos participantes que não existem custos. Ao contrário, a democracia participativa supõe processos relativamente longos e onerosos. Isso se acentua tão logo se ultrapassa o nível local para passar aos níveis nacional ou mesmo europeu.

Esse custo é, certamente, pequeno, se comparado àquele das políticas públicas e por isso trata-se de um investimento muito rentável quando permite

melhorar essas políticas. Mas, por enquanto, na maioria das vezes, faltam esses apoios institucionais e financeiros. A montagem de uma operação em nível europeu, por falta de comandatários pelo lado das instituições, exige longos e trabalhosos esforços. É de se temer que, se as ações não se alinharem ao discurso e se o apelo encantatório à participação não se traduzir por apoios institucionais eficazes, a democracia participativa não decole da esfera local.

**5. Desenvolver um novo pensamento sobre a governança, incluindo a economia, que vá do local ao mundial e que crie novos laços entre autonomia local e regulação internacional, entre direitos e co-produção de bens comuns, entre tradições e modernidade**

Esta proposta, acalentada por todas as oficinas, fecha, se assim podemos dizê-lo, o círculo. Se as instituições existem, se a vontade de inscrever os « approches » participativos numa reflexão global sobre a sociedade que inclua o econômico e o político, se a idéia de uma economia plural estimula muitos militantes, se a dupla exigência de uma descentralização e do reforço da governança mundial é compartilhada por todos, se a reflexão sobre os laços públicos mundiais desemboca no princípio de subsidiaridade ativa, se a própria democracia é objeto de uma nova definição e de novos princípios, ninguém subestima a enormidade do trabalho coletivo que ainda se deverá realizar para construir uma alternativa crível aos modelos ainda dominantes.

## Recomendações

*A\_p\_2 : Construir a mudança cultural rumo a uma sociedade de cidadãos, privilegiando a ação direcionada aos jovens*

s1\_p\_7 : É preciso favorecer uma pedagogia da ação para suprir a dificuldade de acesso à palavra. E de forma geral, um processo de projeto.

s4\_p\_1 : Desenvolver a aprendizagem da responsabilidade, da autonomia e do pluralismo da família no mundo privilegiando os jovens.

s1\_p\_5 : Promover a avaliação dos atores públicos ou das empresas e construir uma nova regulação econômica e social associando empresas, sindicatos, consumidores...

*A\_p\_3 : Promover as práticas de avaliação conjuntas de ação pública e da democracia participativa*

*A\_p\_4 : Mobilizar apoios institucionais em prol do desenvolvimento da democracia participativa*

s4\_p\_4 : Evitar a apresentação romântica da democracia participativa, promover a avaliação, supervisionar as decisões.

s4\_p\_5 : A promoção da democracia participativa clama por diferentes formas de apoio institucional e de apoio na mídia.

s1\_p\_6 : É preciso sensibilizar as populações a tudo aquilo que está em jogo na democracia participativa, ancorá-la nas tradições locais, desenvolver ferramentas adaptadas e permitir-lhes controlar a ação dos poderes públicos. Sensibilizar para os direitos e deveres.

s3\_p\_3 : Os « approches » comunicativos implicam uma mudança cultural e a transmissão da aprendizagem.

s4\_p\_3 : Extrair progressivamente da experiência princípios gerais em torno da co-produção de bens comuns.

s4\_p\_7 : Apoiar-se nas novas mídias para promover a democracia participativa.

s3\_p\_1 : Mutualizar e avaliar as experiências ; extrair progressivamente princípios gerais.

s3\_p\_2 : « desenclausurar » os « approches » participativos, tanto do plano temático (econômico/político) quanto da escala de ação (local/global).

s1\_p\_3 : Modificar as relações de cooperação, favorecendo o reforço, a autonomia e a emancipação dos atores locais.

s2\_p\_1 : Promover uma fiscalidade e um direito internacionais que se apliquem à dívida, à energia, às empresas transnacionais.

*A\_p\_1 : Mutualizar as experiências em escala internacional e utilizar a Internet para conduzir e promover resultados*

s4\_p\_2 : Confrontar as experiências desenvolvidas nos diferentes níveis e nos diferentes países.

s2\_p\_4 : Há inovações em diferentes níveis que devem ser avaliadas, capitalizadas, divulgadas.

s2\_p\_3 : Promover uma economia plural baseada no desenvolvimento humano e a participação cidadã.

s4\_p\_6 : Promover uma visão nova da democracia e das relações entre o local e o global onde a democracia participativa tenha um lugar próprio.

s2\_p\_2 : Organizar a « descentralização da globalização ».

s1\_p\_1 : Modificar a governança e a política das organizações internacionais, substituir seu financiamento pela taxação dos fluxos financeiros e favorecer sua relação com a OMC ; aproximar o G25 do G8.

s1\_p\_2 : Construir um quadro mundial de definição e de gestão descentralizada dos PBM ; aplicar o princípio de subsidiaridade ativa aos PBM.

s1\_p\_4 : A educação pode ajudar a saúde e colaborar no distanciamento em relação à tradição.

*A\_p\_5 : Desenvolver um novo pensamento sobre a governança, incluindo a economia, que vá do local ao mundial e que crie novos laços entre autonomia local e regulação internacional, entre direitos e co-produção de bens comuns, entre tradições e modernidade*